

A close-up, intimate portrait of Jennifer Lawrence and Bradley Cooper. Jennifer Lawrence is on the left, looking slightly to the right with a soft, contemplative expression. Bradley Cooper is on the right, looking directly at the camera with a serious, steady gaze. The lighting is warm and natural, highlighting their features.

O LIVRO QUE  
INSPIROU O FILME  
COM JENNIFER  
LAWRENCE E BRADLEY  
COOPER, DIRIGIDO  
POR SUSANNE BIER

A small, atmospheric scene showing a person riding a white horse through a misty forest. The rider is silhouetted against the light, and an eagle is seen flying in the sky above. The scene is set in a wooded area with tall, thin trees.

SERENA

RON RASH





RON RASH

# Serena

TRADUÇÃO DE CLAUDIO CARINA



Copyright © Ron Rash, 2008

Publicado mediante acordo com Marly Rusoff Literary Agency,  
Bronxville, Nova York, EUA.

TÍTULO ORIGINAL  
Serena

PREPARAÇÃO  
Sheila Louzada

REVISÃO  
Gabriel Machado  
Carolina Rodrigues

DIAGRAMAÇÃO  
ô de casa

FOTOGRAFIA DE CAPA  
Cortesia de Magnolia Pictures

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Aline Ribeiro

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
R.175s

Rash, Ron, 1953-  
Serena / Ron Rash ; tradução Claudio Carina. - 1. ed. - Rio de Janeiro:  
Intrinseca, 2015.

320 p. ; 23 cm  
Tradução de: Serena  
ISBN 978-85-8057-603-0

1. Romance americano. I. Carina, Claudio. II. Título.

13-02420

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

[2015]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para meu irmão, Thomas Rash*



*Uma mão, que pode, de uma só vez, abarcar o mundo.*

— Christopher Marlowe





# PARTE 1



Quando Pemberton retornou às montanhas da Carolina do Norte, depois de três meses em Boston regularizando a situação das propriedades do pai, havia, entre aqueles que esperavam na plataforma da estação de trem, uma jovem grávida dele. Estava acompanhada do pai, que trazia sob o casaco largo e surrado uma faca de caça afiada com muito esmero naquela manhã, para cravar o mais fundo possível no coração de Pemberton.

O condutor gritou “Waynesville” quando, com um estremecimento, o trem parou. Pemberton olhou pela janela e viu seus sócios na plataforma, ambos de terno para conhecer sua esposa (que dois dias antes ainda era noiva), um inesperado bônus da estada em Boston. Buchanan, um eterno dândi, tinha engomado o bigode e besuntado o cabelo. Calçava botas de cano curto reluzentes e vestia uma camisa branca de algodão recém-passada. Wilkie usava um chapéu de feltro cinza, como de costume, para proteger a careca do sol. Exibia um relógio de bolso com o brasão da irmandade Phi Beta Kappa de Princeton, e um lenço azul de seda despontava do bolso do paletó.

Abrindo a tampa de ouro do próprio relógio, Pemberton constatou que o trem chegara no horário exato. Virou-se para a esposa, que cochilava. Serena tivera um sono bastante agitado na noite anterior. Pemberton acordara duas vezes com os movimentos bruscos dela, seu corpo pressionando o dele até que ela adormecesse outra vez. Bastou um beijo suave em sua boca para fazê-la despertar.

— Não é o melhor lugar para uma lua de mel.

— Serve — falou Serena, recostando-se no ombro dele. — Estamos juntos, e é isso que importa.

Pemberton inspirou o intenso aroma de talco Tre Jur, lembrando-se de ter não apenas sentido o cheiro, mas também saboreado aquele gosto na pele dela

aquela manhã. Um carregador de bagagens passou pelo corredor assobiando uma canção que Pemberton não reconheceu. Seu olhar voltou à janela.

Perto da bilheteria, Harmon e a filha esperavam, ele apoiado na parede de tábuas de nogueira. Pemberton se deu conta de que era raro os homens naquelas montanhas ficarem totalmente eretos quando estavam de pé. Preferiam, sempre que possível, amparar o corpo em alguma árvore ou parede. Se não houvesse nenhuma por perto, eles se agachavam, encostando o traseiro no salto das botas. Harmon segurava um pote de vidro, dentro dele, o resto de alguma coisa que mal cobria o fundo. A filha estava sentada em um banco, empertigada para deixar à vista sua condição. Pemberton não conseguia se lembrar do primeiro nome dela. Não estava surpreso de ver os dois ali, nem era novidade a garota estar grávida. *Grávida dele*, Pemberton ficara sabendo na véspera de sua partida de Boston com Serena. Abe Harmon está aqui dizendo que tem um assunto a acertar com você, um assunto que envolve a filha dele, dissera Buchanan ao telefone. Pode ser só conversa de bêbado, mas achei melhor avisar.

— Nosso comitê de recepção inclui alguns habitantes locais — disse Pemberton à esposa.

— Como já esperávamos — respondeu Serena.

Ela repousou a mão sobre o pulso dele por um momento, e Pemberton sentiu a protuberância na base de seu dedo: a aliança de ouro puro que usava no lugar de um anel de diamante. A aliança era praticamente idêntica à dele, exceto pela largura. Pemberton se levantou e retirou do compartimento de bagagem superior suas duas valises, que entregou ao carregador. O sujeito recuou um passo para então seguir Pemberton e sua esposa pelo corredor até descer os degraus para a plataforma. Havia um vão de sessenta centímetros entre o aço e a madeira. Serena não segurou na mão dele ao saltar para o piso de tábuas.

Buchanan foi o primeiro a encontrar o olhar de Pemberton, fazendo um sinal de alerta em direção a Harmon e sua filha antes de cumprimentar Serena com uma mesura rígida e formal. Wilkie tirou o chapéu. Com um metro e setenta e cinco de altura, Serena era mais alta que os homens, mas Pemberton sabia que os outros aspectos da aparência da esposa também ajudariam a provocar em Buchanan e Wilkie a surpresa que demonstravam tão claramente: calça e botas em vez de vestido e um chapéu feminino, a pele bronzeada contradizendo sua classe social superior, lábios e faces intocados por maquiagem, cabelo loiro e grosso, com um corte curto à altura do ombro, distintamente feminino, porém austero.

Serena se dirigiu ao homem mais velho e estendeu a mão. Apesar de seus setenta anos, mais que o dobro da idade dela, Wilkie a observou como um

garotinho deslumbrado, apertando o chapéu contra o peito como que para esconder um coração já cativado.

— Wilkie, suponho.

— Sim, sim, eu mesmo — gaguejou ele.

— Serena Pemberton — apresentou-se ela, a mão ainda estendida.

Wilkie se atrapalhou com o chapéu por um instante, até finalmente conseguir liberar a mão direita e apertar a de Serena.

— E Buchanan — continuou ela, virando-se para o outro homem. — Correto?

— Sim.

Buchanan encostou desajeitadamente a mão na que lhe era oferecida. Serena sorriu.

— Não sabe como dar um aperto de mão, Sr. Buchanan?

Pemberton se divertiu ao observar Buchanan corrigir o gesto e logo depois puxar a mão de volta. Fazia um ano que a Companhia Madeireira de Boston atuava naquelas montanhas, e a esposa de Buchanan só tinha ido lá uma vez, com um elegante vestido de tafetá cor-de-rosa que já estava sujo de terra antes mesmo de ela atravessar a única rua de Waynesville e entrar na casa do marido. Passou uma noite e foi embora no primeiro trem na manhã seguinte. A partir de então, Buchanan e a esposa encontravam-se uma vez por mês para passarem um fim de semana juntos em Richmond, o ponto mais ao sul a que a Sra. Buchanan se dispunha a chegar. A esposa de Wilkie nunca saía de Boston.

Os sócios de Pemberton pareciam incapazes de falar qualquer coisa. Seus olhares vagavam entre a calça de montaria de couro, sua camisa bege e as botas pretas de Serena. Sua dicção correta e sua postura altiva confirmavam que ela tinha estudado na Nova Inglaterra, assim como as esposas dos dois. Mas Serena tinha nascido no Colorado e lá vivido até os dezesseis anos. Seu pai era um madeireiro que ensinara a filha a dar apertos de mão com vigor e a olhar os homens nos olhos, além de cavalgar e atirar. Ela só tinha se mudado para o leste após a morte dos pais.

O carregador deixou as valises na plataforma e voltou ao vagão de bagagens, onde estava o baú de viagem de Serena e um menor, de Pemberton.

— Imagino que Campbell tenha levado o árabe para a sede — observou Pemberton.

— Sim — confirmou Buchanan —, embora ele quase tenha matado o jovem Vaughn. Esse cavalo não só é muito grande como muito arisco; “de gênio ruim”, como se costuma dizer.

— Quais são as novidades? — perguntou Pemberton.

— Nenhum problema sério — respondeu Buchanan. — Um lenhador encontrou pegadas de lince em Laurel Creek e pensou que fossem de um leão-da-montanha. Alguns trabalhadores se recusaram a voltar lá até Galloway ter verificado.

— Leões-da-montanha — repetiu Serena. — Eles são comuns aqui?

— De forma alguma, Sra. Pemberton — respondeu Wilkie com segurança. — É com muito prazer que digo que o último da espécie foi morto neste estado em 1920.

— Mas os moradores locais insistem em acreditar que ainda restou um — acrescentou Buchanan. — Existe muito folclore a respeito, e os lenhadores conhecem todas as histórias. Sabem não só que o bicho é enorme como reconhecem também a cor dele, que varia do castanho-amarelado ao negro retinto. Por mim, isso continuaria sendo só parte do folclore, mas seu marido tem outros anseios: ele torce para que a criatura seja real, para poder caçá-la.

— Isso foi antes das núpcias — observou Wilkie. — Agora que Pemberton é um homem casado, estou certo de que vai desistir de caçar essas feras e procurar diversões mais amenas.

— Espero que ele continue perseguindo essa fera. Eu ficaria desapontada se ele não o fizesse — disse Serena, virando-se tanto para Pemberton quanto para os dois sócios dele. — Pemberton não tem medo de desafios; foi por isso que me casei com ele. — Ela fez uma pausa, um leve sorriso se abrindo em seu rosto. — E ele, comigo.

O carregador deixou o segundo baú na plataforma. Pemberton deu uma moeda ao homem e o dispensou. Serena olhou para o pai e a filha, que estavam sentados juntos no banco a observá-los em silêncio, como atores esperando a deixa para entrar em cena.

— Eu não conheço vocês dois — disse Serena.

A filha apenas continuou encarando-a, emburrada. Foi o pai quem falou, a voz arrastada:

— Meu assunto não é com a senhora, não. É com o homem aí do seu lado.

— Os assuntos dele também me dizem respeito — insistiu Serena. — Assim como os meus dizem respeito a ele.

Harmon então indicou com a cabeça a barriga da filha e voltou a olhar para Serena.

— Não esse assunto aqui. É de antes de a senhora chegar.

— Está insinuando que ela está grávida do meu marido?

— Não estou *insinuando* nada.

— Então o senhor é um homem de sorte — observou Serena. — Não poderia encontrar homem melhor para fazer um filho nela. O tamanho da

barriga comprova isso. — E, dirigindo o olhar e as palavras para a filha: — Mas este é o único filho dele que você vai ter. Agora estou aqui. Qualquer outro filho que ele tiver vai ser comigo.

Harmon empertigou-se o máximo que podia e Pemberton avistou a faca de cabo de madrepérola antes de o casaco do sujeito tornar a ocultá-la. Ele se perguntou como um homem como Harmon podia ter uma arma tão elegante. Talvez a tivesse ganhado em um jogo de pôquer ou recebido de herança de um antepassado mais próspero. O rosto do chefe da estação apareceu atrás da partição de vidro, ficou ali por um momento e desapareceu. Um grupo de montanhesez rudes, todos funcionários da Madeireira Boston, assistia a tudo sem expressão, em um celeiro ali ao lado.

Entre eles estava um supervisor chamado Campbell, cujas muitas tarefas incluíam servir de intermediário entre os trabalhadores e os proprietários. Campbell sempre usava camisa de cambraia cinza e calça de veludo cotelê, mas aquela tarde estava de macacão, como os outros homens. *É domingo*, percebeu Pemberton, e se sentiu momentaneamente desorientado. Não conseguiu se lembrar da última vez que tinha consultado um calendário. Em Boston, com Serena, o tempo parecia preso no círculo do relógio e de seus ponteiros — horas e minutos que avançavam, mas não conseguiam se libertar para se tornarem uma sequência de dias. Mas os dias e os meses haviam, sim, passado: a protuberante barriga da filha de Harmon era prova disso.

A mão grande e sardenta de Harmon agarrou a beirada do banco, e ele inclinou-se ligeiramente para a frente. Seus olhos azuis encaravam Pemberton com hostilidade.

— Vamos para casa, papai — pediu a filha de Harmon, pegando a mão dele.

Mas Harmon repeliu-a, como se fosse uma mosca insistente, e se levantou, cambaleando um pouco.

— Malditos sejam os dois — disse ele, dando um passo na direção dos Pemberton.

Ele abriu o casaco surrado e tirou a faca de caça da bainha de couro. A lâmina refletiu o sol do fim de tarde, e por um breve instante pareceu que Harmon estava segurando uma chama reluzente na mão. Pemberton olhou para a filha de Harmon, que cobria a barriga com as mãos como que protegendo o bebê não nascido do que acontecia a sua frente.

— Leve seu pai para casa — recomendou Pemberton.

— Papai, por favor.

— Avisem o xerife McDowell — gritou Buchanan aos homens no celeiro que assistiam a tudo.

Um dos supervisores, chamado Snipes, obedeceu, andando rapidamente não em direção à delegacia, mas à pensão onde o xerifê morava. Os outros funcionários ficaram onde estavam. Buchanan interpôs-se entre os dois homens, mas Harmon brandiu a faca, mandando que se afastasse.

— Vamos resolver isso é agora — gritou Harmon.

— Ele tem razão — disse Serena. — Pegue sua faca e resolva isso agora, Pemberton.

Harmon deu um passo à frente, oscilando de leve ao diminuir a distância entre os dois.

— É melhor fazer o que ela diz — ameaçou ele, aproximando-se mais —, porque um de nós dois vai sair daqui morto.

Abaixando-se, Pemberton abriu sua valise de pele de novilho, procurando lá dentro o presente de casamento que Serena lhe dera. Retirou a faca de caça da bainha e encaixou o cabo de chifre de alce na mão com firmeza, a rugosidade facilitando a pegada. Por um momento fugidivo, Pemberton permitiu-se desfrutar a sensação de uma arma bem-feita, o equilíbrio e a solidez da faca, a lâmina, o cabo e a guarda calibrados com a mesma precisão dos floretes com que praticava esgrima em Harvard. Tirou o casaco e o colocou em cima da mala.

Harmon chegou mais perto, e os dois se viram separados por menos de um metro. Ele mantinha a faca erguida, apontada para o céu, o que revelou a Pemberton que Harmon, bêbado ou sóbrio, tinha pouca experiência em luta com facas. Harmon cortou o ar entre os dois. Seus dentes amarelados de tabaco estavam cerrados, as veias do pescoço, tensas como cabos de aço. Pemberton manteve a faca baixa e junto ao corpo. Sentiu o cheiro de uísque caseiro de milho no hálito do sujeito, um odor áspero e gorduroso, como óleo de carvão.

Harmon investiu contra Pemberton, que levantou o braço esquerdo. A faca de caça do sujeito cortou o ar, mas o arco delineado foi interrompido quando Pemberton deteve o braço de Harmon no meio do movimento. Harmon tentou um golpe mais baixo, e a faca passou de raspão junto à pele de Pemberton. Então, avançando um último passo, Pemberton deslizou a faca para dentro do casaco de Harmon, o aço mergulhou no tecido da camisa e penetrou a carne mole do homem, acima da bacia. Segurando o ombro de Harmon com a mão livre para ter apoio, ele puxou para o lado a faca cravada, abrindo rapidamente um sorriso fino na barriga de seu adversário. Um botão de cedro saltou da camisa branca porém suja de Harmon, caiu no piso de tábuas, girou por um instante e parou. Em seguida houve um som de sucção, quando Pemberton retirou a lâmina. Por um momento não se viu sangue.



A faca de Harmon caiu com estrépito na plataforma. Como um homem tentando refazer seus passos para entender como chegara àquele ponto, o montanhês levou as mãos à barriga e recuou devagar, até desabar no banco. Quando levantou as mãos para conferir o estrago, suas entranhas caíram em seu colo como cordas frouxas, acinzentadas. Harmon examinou o funcionamento interno do próprio corpo como que para verificar mais uma vez o seu destino. Ergueu a cabeça uma última vez e recostou-a nas tábuas da parede. Pemberton desviou o olhar quando os olhos azuis do sujeito começaram a perder o brilho.

Serena surgiu ao seu lado.

— Seu braço — disse ela.

Pemberton viu que sua camisa de popelina estava rasgada abaixo do cotovelo, o tecido azul escurecido pelo sangue. Serena soltou a abotoadura de prata e enrolou a manga, examinando o corte no antebraço dele.

— Não vai precisar suturar — afirmou. — Só iodo e um curativo.

Pemberton assentiu. A adrenalina pulsava dentro dele, e, quando um preocupado Buchanan aproximou-se para examiná-lo, as feições de seu sócio — o bigode preto bem aparado e modelado entre o nariz fino e pontudo e a boca pequena, os olhos redondos e verde-claros que sempre pareciam um pouco surpresos — lhe pareceram ao mesmo tempo vívidas e indistintas. Pemberton respirava fundo e pausadamente, procurando se recompor antes de falar com qualquer um.

Serena pegou a faca de caça de Harmon e levou-a até a filha dele. Debruçada sobre o pai, ela segurava o rosto lívido dele próximo ao seu, como se ainda pudesse comunicar-lhe algo. Lágrimas rolavam pelas faces da jovem, mas ela não emitia som algum.

— Tome — disse Serena, segurando a faca pela lâmina. — Esta arma pertenceria ao meu marido por direito. É uma bela faca e você pode conseguir um bom dinheiro, se vendê-la. É o que eu faria. Venderia, sabe. O dinheiro vai ser útil quando a criança nascer. Isso é tudo o que você vai conseguir de mim e do meu marido.

A jovem a encarou, mas não ergueu a mão para pegar a faca. Serena deixou-a em cima do banco e, atravessando a plataforma, voltou para o lado de Pemberton. Com exceção de Campbell, que se aproximava deles, os homens junto à cerca de metal do celeiro não tinham nem se mexido. Para Pemberton, era bom que eles estivessem ali, pois ao menos algo de positivo resultaria do ocorrido. Na primavera, quando assentaram os trilhos do trem, seus empregados já haviam percebido que Pemberton era tão forte fisicamente quanto eles;

agora sabiam que ele era capaz de matar um homem, o que viram com os próprios olhos. Passariam a respeitá-lo, e a Serena, mais ainda. Ele virou-se e fitou os olhos cinzentos da esposa.

— Vamos para a sede — disse.

Conduzindo-a pelo cotovelo, Pemberton a virou na direção dos degraus que Campbell tinha acabado de galgar. O rosto longo e anguloso do supervisor estava como sempre enigmático, e ele alterou seu caminho para não passar pelo casal — mas o fez de forma tão casual que aos olhos de um observador não pareceria deliberado.

Pemberton e Serena desceram da plataforma e seguiram para onde Wilkie e Buchanan os esperavam. Restos de carvão eram esmagados sob seus passos, levantando pequenas nuvens cinzentas como se apagassem fósforos com os pés. Pemberton olhou de relance para trás e viu Campbell debruçado sobre a filha de Harmon, a mão em seu ombro, falando alguma coisa com ela. O xerife McDowell, em seu melhor traje de domingo, também estava junto ao banco. Ele e Campbell ajudaram a jovem a se levantar e a acompanharam até o armazém.

— Meu Packard está aqui? — perguntou Pemberton a Buchanan.

O amigo assentiu. Pemberton chamou o carregador de bagagens, que ainda estava na plataforma.

— Ponha as valises no banco de trás e amarre o baú menor no bagageiro. O trem pode levar o baú maior depois.

— Não acha que seria melhor conversar com o xerife? — indagou Buchanan depois de lhe entregar as chaves do Packard.

— Por que eu precisaria explicar alguma coisa a esse filho da mãe? Você viu o que aconteceu.

Pemberton e Serena estavam entrando no carro quando McDowell os alcançou, caminhando a passos rápidos e vigorosos. Ao se virar, Pemberton viu que, apesar das roupas elegantes de domingo, o xerife trazia consigo seu cinturão com os coldres. Como acontecia a tantos montanheses, era difícil estimar a idade do xerife. Pemberton imaginava que estivesse perto dos cinquenta, apesar do cabelo bem preto e do corpo rijo.

— Vamos ao meu gabinete — disse McDowell.

— Por quê? — questionou Pemberton. — Foi em legítima defesa. Uma dúzia de homens pode confirmar isso.

— Estou acusando-o de perturbação da ordem pública. São dez dólares de multa ou uma semana na prisão.

Pemberton pegou a carteira e entregou-lhe duas notas de cinco.

— Mesmo assim o senhor vai ter que me acompanhar até o meu gabinete — explicou McDowell. — Não vai sair de Waynesville enquanto não assinar uma declaração afirmando que agiu em legítima defesa.

Eles estavam a menos de um metro de distância, e nenhum dos dois deu um passo para trás. Pemberton decidiu que um confronto não valeria a pena.

— O senhor precisa de uma declaração minha também? — perguntou Serena.

McDowell olhou para ela como se só a tivesse notado naquele momento.

— Não.

— Eu estenderia a mão para cumprimentá-lo, xerife — disse Serena —, mas, pelo que meu marido falou, o senhor provavelmente não a aceitaria.

— Ele está certo — replicou McDowell.

— Vou esperar você no carro — avisou Serena a Pemberton.

Quando voltou, Pemberton entrou no Packard e girou a chave. Apertou o botão de partida, soltou o freio de mão e deu início ao trajeto de dez quilômetros até a sede da madeireira. Já fora de Waynesville, ele desacelerou ao se aproximarem da represa da serraria, que ocupava dois hectares, sua superfície coberta por troncos amontoados e entrelaçados como gravetos. Pemberton parou e deixou o carro em ponto morto, mas não desligou o motor.

— Wilkie quis que a serraria ficasse perto da cidade — disse ele. — Por mim teria sido diferente, mas até que funcionou bem.

Ficaram olhando para a flotilha de troncos flutuando à espera do amanhecer para serem desemaranhados e guinchados ao carreto e então serrados. Serena passou o olho rapidamente pela serraria, assim como pela estrutura em forma de A que Wilkie e Buchanan usavam como escritório. Pemberton apontou para uma árvore imensa erguendo-se no bosque atrás da serraria. Uma camada alaranjada forrava o tronco e os galhos de cima estavam secos e desfolhados.

— Cancro de castanheiro.

— Ainda bem que leva anos para morrer completamente — observou Serena. — Isso nos dá todo o tempo necessário, mas também uma razão para preferir mogno.

Pemberton apoiou a mão na rígida bola de borracha em que terminava a alavanca do câmbio e engatou a marcha. Eles seguiram adiante.

— Estou surpresa que as estradas sejam asfaltadas — comentou Serena.

— Nem todas são. Esta é, ao menos por alguns quilômetros. A estrada para Asheville também. De trem chegaríamos mais rápido, mesmo a vinte e cinco quilômetros por hora, mas assim posso mostrar as nossas propriedades.

Logo eles deixaram Waynesville; o terreno foi ficando cada vez mais montanhoso e com menos habitantes, as ocasionais faixas de pastagem parecendo veludo verde costurado em um tecido mais grosso. Era quase pleno verão, percebeu Pemberton, os botões brancos dos cornisos caídos no chão a ressecar, os troncos verdes e largos das faias. Em uma cabana, uma mulher tirava água de um poço no quintal. Estava descalça, e a criança de cabelo claro ao seu lado usava uma calça amarrada na cintura com barbante.

— Esses montanhese — comentou Serena, olhando pela janela. — Li que vivem tão isolados que até o modo de falar lembra o dos tempos elisabetanos.

— Buchanan acredita que sim. Ele mantém um registro das frases e palavras que ouve.

O terreno começou a ficar íngreme, e logo não havia mais fazendas. Pemberton sentiu a pressão nos ouvidos e engoliu em seco. Saindo do asfalto, pegou uma estrada de terra que subia em uma curva de mais de um quilômetro até terminar em um aclive ainda mais íngreme. Ele parou o carro e os dois desceram. Um afloramento de granito ia até o lado direito da via, um filete de água gotejava por sua superfície rochosa. À esquerda, apenas um extenso declive que terminava em um ponto longínquo e uma lua pálida e esférica, impaciente pela chegada da noite.

Pemberton pegou a mão da esposa e os dois foram até a beira do declive. Lá embaixo, o vale do ribeirão Cove abria espaço entre as montanhas, um quadrado de mais de dois quilômetros de terreno plano. No centro do vale estava a sede, cercada por uma área devastada coberta de tocos e galhos. À esquerda, a serra de Half Acre tinha sido desnudada também. À direita, via-se a base do monte Noland, arrasada. E, atravessando o vale, os trilhos do trem pareciam ter sido costurados na terra.

— Nove meses de trabalho — refletiu Pemberton.

— Seriam apenas seis no oeste — replicou Serena.

— Aqui chove quatro vezes mais. E ainda tivemos que construir os trilhos no vale.

— É, isso faz diferença — reconheceu Serena. — Até onde vão nossas terras? Pemberton apontou para o norte.

— Até a montanha depois dessa que estamos explorando agora.

— E no sentido oeste?

— Até o monte Balsam — respondeu Pemberton, apontando outra vez.

— E até a serra de Horse Pen no sul, e para o leste você pode ver onde paramos de abrir caminho.

— Catorze mil hectares.

— Fora os três mil mais ao leste de Waynesville que já exploramos.

— E mais para o leste, são propriedades da Champion Paper?

— Até a fronteira com o Tennessee.

— É essa a terra que eles querem para o parque?

Pemberton aquiesceu.

— E se a Champion vender, seremos os próximos.

— Mas nunca vamos vender nossas terras — disse Serena.

— Não. Ou ao menos não enquanto ainda puderem ser exploradas. Harris, nosso magnata local do cobre e do caulim, estava presente àquela reunião sobre a qual lhe falei. Ele deixou claro que é contra esse esquema de parque nacional da mesma forma que nós. Nada mau ter o homem mais rico do condado do nosso lado.

— Ou como futuro sócio — acrescentou ela.

— Você vai gostar dele. É um sujeito esperto, não tem paciência para tolos. Serena tocou-o no ombro, logo acima do ferimento.

— Precisamos fazer um curativo no seu braço.

— Primeiro um beijo — disse Pemberton, levando a mão de Serena, ainda unida à sua, até as costas dela e puxando-a para si.

Ela ergueu o rosto e pressionou os lábios com firmeza nos dele. Com a mão livre, agarrou a nuca dele para trazê-lo ainda mais para perto dela, deixando escapar uma suave exaltação quando abriu a boca e o beijou com mais voracidade, seus dentes e língua tocando os dele. Colou todo o seu corpo no dele. Incapaz de manter o recato, como sempre, desde a primeira vez que o vira. Novamente, Pemberton sentiu algo que nunca experimentara com outra mulher: possibilidades ilimitadas nas quais ele mergulhava sem restrições, ilimitadas porém, ao mesmo tempo, de alguma forma, contidas pelo universo compreendido apenas entre os dois.

Entraram no Packard e desceram até o vale. A estrada ficou mais pedregosa, as valetas e desbarrancamentos, mais acentuados. Passaram por um córrego entupido de lodo, depois por mais árvores, até que não havia mais as árvores e eles se viram cruzando o fundo do vale. A estrada chegara ao fim, restava apenas uma faixa de lama e terra. Passaram por um estábulo e uma construção que consistia em uma simples sequência de salas, a da frente servindo como escritório da pagadoria e a dos fundos como local de refeições. À direita ficava o refeitório dos operários e o depósito. Atravessaram a linha férrea, passando pela fileira de vagões-plataforma esperando a chegada da manhã. Um vagão caboose parado perto dos trilhos servia como consultório médico, as rodas cobertas de ferrugem enterradas no solo do vale.

Eles passaram por uma fileira de mais de trinta casebres que tinha sido precariamente construída no alto da serra de Bent Knob, seus alicerces sustentados por desgastadas estacas de alfarrobeira. As casas pareciam vagões de madeira baratos, não só em tamanho e aparência, mas também por serem ligadas por cabos umas às outras. No alto de cada uma havia um aro de ferro. Buracos abertos a machadadas na madeira serviam de janelas.

— Os alojamentos dos operários, imagino — disse Serena.

— Isso mesmo, e assim que terminarmos por aqui podemos pôr tudo nos vagões e transferir para o próximo sítio. Os operários nem vão precisar embalar seus pertences.

— Muito eficiente — comentou Serena, anuindo. — Quanto é o aluguel?

— Oito dólares por mês.

— E o ordenado?

— Dois dólares por dia no momento, mas Buchanan quer aumentar para dois e dez.

— Por quê?

— Ele acha que vamos perder bons profissionais para outros campos de extração — respondeu Pemberton enquanto estacionava na frente da casa. — Para mim, essas terras que o governo vem tomando representam um excedente de mão de obra, principalmente se a Champion vender seus terrenos.

— E o que Wilkie acha?

— Wilkie concorda comigo. Fala que a única vantagem dessa quebra da bolsa é a força de trabalho mais barata.

— Concordo com você e com Wilkie — disse Serena.

Um jovem chamado Joel Vaughn esperava nos degraus da entrada, ao lado de uma caixa de papelão contendo carne, pão, queijo e uma garrafa de vinho tinto. Quando Pemberton e Serena saíram do carro, ele se levantou e tirou o gorro de lã, revelando um ninho de cabelo cor de cenoura. Como Campbell logo percebera, a mente de Vaughn era tão brilhante quanto seu cabelo, o que lhe rendera responsabilidades em geral atribuídas apenas a funcionários mais antigos. Prova disso eram seus braços arranhados e o hematoma no lado esquerdo do rosto sardento, resultado de uma contenda com um cavalo tão indomável quanto valioso. Vaughn tirou as valises do automóvel e seguiu o casal até o alpendre. Pemberton abriu a porta e fez sinal para que Serena entrasse primeiro.

— Não fosse pelo meu braço — comentou ele —, eu a levaria no colo.

Ela sorriu.

— Não se preocupe, Pemberton. Eu consigo entrar sozinha.

Ela entrou e o marido foi atrás. Serena examinou o interruptor de luz por um instante, como se não acreditasse que pudesse funcionar. Depois o ligou.

Na sala havia duas poltronas simples diante de uma lareira; à esquerda, via-se uma pequena cozinha com um fogão Homestead e um refrigerador. Uma mesa de álamo com quatro cadeiras de assento de treliça ficava ao lado da única janela do cômodo. Serena aquiesceu e foi até o corredor, dando uma rápida olhada no banheiro antes de entrar no quarto. Acendeu o abajur e se sentou na cama de ferro batido, experimentando a firmeza do colchão; pareceu satisfeita. Vaughn surgiu à porta com um baú de viagem antigo, que pertencera ao pai de Pemberton.

— Guarde no armário do corredor — ordenou Pemberton.

Vaughn atendeu ao pedido e saiu da casa, voltando pouco depois com a comida e o vinho.

— O Sr. Buchanan achou que o senhor gostaria de algo para comer.

— Deixe na mesa — orientou Pemberton. — Depois vá pegar iodo e gaze.

O jovem hesitou, os olhos na mancha de sangue que cobria a manga da camisa de Pemberton.

— Não quer que chame o Dr. Cheney?

— Não — respondeu Serena. — Eu mesma farei o curativo.

Quando Vaughn saiu, Serena se aproximou da janela do quarto e ficou observando os casebres.

— Os operários têm eletricidade?

— Só no refeitório.

— Melhor assim — comentou Serena, afastando-se da janela. — Não só pela economia que fazemos, mas também pela produtividade. Eles trabalham mais quando estão sujeitos a um estilo de vida espartano.

Pemberton ergueu a mão, apontando para as tábuas de madeira crua das paredes do quarto.

— Isto aqui também é bastante espartano.

— Assim podemos comprar mais tratores — disse Serena. — Se quiséssemos gastar nossa fortuna de outro modo, teríamos ficado em Boston.

— Isso é verdade.

— Quem mora aqui ao lado?

— Campbell. O homem mais eficiente das redondezas. Faz a contabilidade, consegue consertar qualquer coisa e sabe como ninguém usar uma corrente de agrimensor.

— E na última casa?

— O Dr. Cheney.

— O gaiato de Wild Hog Gap.

— O único médico que aceitou viver aqui. Mesmo assim, ainda tivemos que oferecer uma casa e um automóvel.

Serena abriu o guarda-roupa e examinou atentamente o interior.

— E o meu presente de casamento, Pemberton?

— No estábulo.

— Nunca vi um árabe branco.

— É um cavalo impressionante.

— Quero sair para cavalgar logo cedo amanhã.

Quando Vaughn chegou com o iodo e a gaze, Serena sentou-se na cama, desabotoou a camisa do marido e pegou do cinto dele a arma usada na luta. Tirando a faca da bainha, ela examinou o sangue seco na lâmina e então a deixou na mesa de cabeceira. Abriu o frasco de iodo.

— Qual é a sensação de lutar contra um homem desse jeito? Quer dizer, com uma faca. É como praticar esgrima ou... é mais íntimo?

Pemberton pensou por um tempo em como poderia descrever em palavras o que tinha sentido.

— Não sei — respondeu por fim. — É uma sensação muito real e muito irreal ao mesmo tempo.

Serena segurou o braço dele com mais força, mas sua voz ficou mais suave.

— Isso vai arder — falou, despejando devagar o líquido avermelhado no ferimento. — Aquele duelo com faca, o que lhe rendeu notoriedade em Boston, foi igual ao de hoje?

— Na verdade, em Boston foi com uma caneca de cerveja — replicou Pemberton. — Foi mais um acidente em uma briga de bar.

— Na história que eu ouvi havia uma faca. E a morte da vítima não parecia nada acidental.

Enquanto ela fazia uma pausa para espalhar o iodo na ferida, Pemberton perguntou-se se houvera percebido uma pequena decepção no tom da esposa ou se fora só sua imaginação.

— Mas essa de hoje, essa de fato não foi acidental — observou Serena. — *“Eu mesmo empunharei a espada; sim, mesmo que morra.”*

— Acho que não reconheço essa citação — comentou Pemberton. — Não sou tão culto quanto você.

— Não tem importância. É uma máxima que se aprende melhor da forma como você fez, não em um livro.

Enquanto ela desenrolava a gaze do carretel de madeira, Pemberton sorriu.

— Quem sabe? — disse ele. — Em um lugar primitivo como este, desconfio que lutas de faca não sejam prerrogativa apenas do sexo masculino. É capaz



de você ter que lutar com alguma megera com bafo de uísque e aprender da mesma forma que eu.

— Eu faria isso — disse ela, em um tom de voz comedido — ao menos para sentir o mesmo que você sentiu hoje. Pois é o que eu desejo: que tudo o que é parte de você também seja parte de mim.

Pemberton observou a atadura avolumar-se enquanto Serena a enrolava em seu braço, o iodo transpassando as primeiras camadas, mas depois sendo sugado pela gaze. Recordou-se do jantar festivo em Back Bay, um mês antes, quando a Sra. Lowell, a anfitriã, fora até ele. *Há uma mulher que deseja ser apresentada ao senhor. Mas devo alertá-lo: ela já assustou todos os homens solteiros de Boston.* Pemberton lembrava-se de ter garantido à anfitriã que não era homem de se assustar com facilidade e que talvez a mulher em questão devesse ser alertada sobre ele também. A Sra. Lowell reconheceu que era um comentário pertinente e retribuiu seu sorriso enquanto o segurava pelo braço. *Então vamos conhecê-la. Mas lembre-se de que avisei ao senhor, assim como a ela.*

— Pronto — anunciou Serena ao terminar. — Deve cicatrizar em três dias.

Ela pegou a faca e limpou-a na cozinha com água e um pedaço de pano. Depois de secá-la, voltou para o quarto.

— Amanhã vou afiar essa lâmina — disse ela, deixando a faca na mesa de cabeceira. — Esta arma é digna de um homem como você e foi feita para durar uma vida inteira.

— E para prolongar uma vida também — observou Pemberton —, como demonstrou tão fortuitamente.

— Talvez isso se repita, portanto mantenha-a sempre com você.

— Vou deixar no escritório — prometeu Pemberton.

Serena sentou-se na cadeira de encosto alto em frente à cama e tirou a calça de montaria. Continuou se despindo sem olhar para as peças que tirava e deixava cair no chão. Durante todo o tempo manteve os olhos fixos em Pemberton. Livrando-se enfim das roupas íntimas, ela se posicionou diante dele. As mulheres que Pemberton tinha conhecido antes eram tímidas com seus corpos, esperavam o quarto escurecer ou os lençóis as cobrirem, mas esse não era o jeito de Serena.

Exceto pelos olhos e o cabelo, Serena não tinha uma beleza convencional, seus seios e quadris eram pequenos e as pernas, compridas demais para o torso. Os ombros estreitos, o nariz fino e as maçãs do rosto marcantes tornavam seu corpo muito anguloso. Seus pés eram pequenos e, se comparados aos seus outros aspectos, dotados de uma estranha delicadeza, aparentando certa vulnerabilidade. Os corpos dos dois combinavam, a silhueta leve de Serena se encaixava no físico mais largo e definido de Pemberton. À noite, eles às vezes se

engalfinhavam com tanta intensidade que a cama cedia e estremecia. Pemberton ouvia suas respirações aceleradas sem conseguir diferenciar uma da outra. *Uma espécie de aniquilação*, foi como Serena definiu o que faziam. Embora jamais tivesse considerado uma descrição dessas, Pemberton sabia que as palavras da esposa eram precisas.

Serena não o tocou de imediato, e Pemberton foi envolvido por uma languidez sensual. Ficou contemplando o corpo dela, os olhos que o hipnotizaram já no primeiro encontro, as pupilas da cor de estanho queimado. Duras e densas como estanho também, as raias douradas extravasando as pupilas, fluando como mariposas na superfície. Olhos que não se fechavam quando sua pele encontrava a dele, atraindo-o para dentro de si tanto com o olhar quanto com o corpo.

Serena abriu as cortinas para que a lua espriasse sua luz na cama. Então virou-se de costas para a janela e observou ao redor do quarto, como se por alguns instantes tivesse esquecido onde estava.

— Este lugar vai nos servir muito bem — disse por fim, voltando a olhar para Pemberton enquanto ia até a cama.



**P**emberton, um rico madeireiro, e sua esposa, Serena, são um casal ambicioso, determinado a derrubar todas as árvores das montanhas da Carolina do Norte para aumentar sua fortuna durante a Grande Depressão. Mas um projeto de parque nacional ameaça esses planos. Pemberton passa a subornar as pessoas mais influentes para manter sua propriedade e seu poder. Já Serena, sem escrúpulos, tem outros argumentos: a força, as armas e a crueldade. Para sustentar o grande império e conseguir o que ambicionam, os dois vão passar por cima de tudo. Até deles próprios.

“Arrebatador e de tirar o fôlego. Um dos maiores romances norte-americanos.”

*THE NEW YORK TIMES*

“Escrita com maestria, *Serena* é uma obra devastadora em seu retrato do que os seres humanos são capazes.”

*SAN FRANCISCO CHRONICLE*

“O início do livro é inesquecível. As cem últimas páginas, emocionantes. Ron Rash é um contador de histórias magistral.”

*KIRKUS REVIEWS*

“Desde o início surpreendente, a violência aumenta com a tensão. Uma história impressionante sobre a ganância voraz na época da Depressão.”

*PEOPLE*

ISBN 978-85-8057-603-0



9 788580 576030

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)

STUDIOCANAL and 2929 PRODUCTIONS PRESENT A NICK WECHSLER AND CHOCKSTONE PICTURES PRODUCTION ANTON CAPITAL ENTERTAINMENT, S.C.A. SUSANNE BIER FILM BRADLEY COOPER JENNIFER LAWRENCE "SERENA" RHYS IFANS TOBY JONES DAVID DENCIK SEAN HARRIS ANA ULARU CASTING JINA JAY COSTUME DESIGNER SIGNE SEJLUND MUSIC BY JOHAN SODERQVIST EDITOR SUSAN JACOBS EXECUTIVE PRODUCER MAT NEWMAN PERNILLE BECH CHRISTENSEN PRODUCED BY RICHARD BRIDGLAND DIRECTOR OF PHOTOGRAPHY MORTEN SOBORG EXECUTIVE PRODUCER MICHAEL SWYMAN EXECUTIVE PRODUCERS PETER MCALEESE MARK CUBAN OLIVIER COURSON PRODUCED BY NICK WECHSLER SUSANNE BIER PRODUCED BY STEVE SCHWARTZ PAULA MAE SCHWARTZ  
STUDIOCANAL 2929 PRODUCED BY TODD WAGNER RON HALPERN BEN COSGROVE BASED ON THE BOOK BY RON RASH SCREENPLAY BY CHRISTOPHER KYLE DIRECTED BY SUSANNE BIER ACE ANTON CAPITAL ENTERTAINMENT